

A PÉROLA DO CONTESTADO

Autor: Sérgio de Lorenzi



Aos 24 de julho de 1961, eu, Sérgio de Lorenzi, fui agraciado ao nascer no "Vale do Contestado", Taquaruçu, município de Curitibanos, hoje Fraiburgo, Freqüentei

o primário na escola de Taquaruçu e o ginásio em Frei Rogério, distrito de Curitibanos, agora emancipado,

Cursei o 2º grau em Caçador na FEARPE, formando-me no magistério. Realizei o curso superior no IFISC (Instituto Filosófico de Santa Catarina), formando-me em Estudos Sociais pela FEBE (Fundação Educacional de Brusque), onde escrevi a monografia com o título "O Contestado". No ITESC (Instituto Teológico de Santa Catarina), cursei os primeiros anos de Teologia, junto à UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Fiz pós-graduação na área de educação pela UnC (Universidade do Contestado), em Caçador, Santa Catarina, onde aprimorei minha monografia, com o título "A Luta Gloriosa em Defesa das Terras Catarinenses", sob orientação do Professor Doutor Guerino Bebber.

Atualmente, leciono História e Geografia na rede municipal e estadual de Fraiburgo. Escrevo uma coluna sobre o Contestado no Jornal "O Fraiburguense".

Todo fato histórico tem dois lados: a versão oficial dos que venceram, vangloriando-se da vitória e o relato dos vencidos (sertanejos e civis), lastimando-se pela derrota, que ficaram à margem da História com o cognome de "jagunços".

Pretendemos dar uma nova visão histórica,

TAQUARUÇU

A PÉROLA DO CONTESTADO

Gentileza Adriana Pontes Serafini Fraiburgo - SC Joannel Artes Gráficas Ltda. - 2003 - Sérgio de Lorenzi

TAQUARUÇU

A PÉROLA DO CONTESTADO

Editora Joannel Artes Gráficas Ltda.

Fraiburgo - SC

- 2003 -

L869

Lorenzi, Sérgio de.

Taquaruçu: a pérola do Contestado/Sérgio de Lorenzi - Fraiburgo: Joannei Artes Gráficas, 2003.

74 p., il.

Bibliografia

1. Guerra do Contestado – Santa Catarina 2. Guerra do Contestado – História

I. Título.

CDD 21a

981.64

Bibliotecária responsável:

Diana de Fátima Gianello

CRB - 14/761

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer a Deus e aos meus pais pela vida e pela dádiva de ter nascido em Taquaruçu.

Um agradecimento especial à minha esposa Clarice, pelo apoio, companhia, compreensão e afeto.

A minha filha Samara, pela constante colaboração, pelo encanto e amabilidade. Ela é a alegria da casa e a agradeço pela digitação.

Pela inestimável colaboração de todos os moradores de Taquaruçu, participantes e remanescentes da Guerra do Contestado, destacam-se: Benedito Chato, Cândida, Anúncia, Alcides, Noratão, Zelico e Lica, os quais conheci pessoalmente.

À seleta equipe de professores, pela magnitude de seu saber e aos alunos pelo encanto de aprender e ensinar.

A Pedro Aleixo Felisbino e sua filha Eliane que tiveram a iniciativa de escrever o livro "Voz de Caboclo", o qual parabenizo pela espetacular obra.

Aos compositores e músicos Selmo Delfes e Edson de Lorenzi, moradores de Taquaruçu, que vêm divulgar através da música, dança e orientação aos estudantes e pesquisadores que lá se dirigem.

Quero lembrar os membros da Comissão "Batalha de Taquaruçu", Dr. Mário Henrique Vicente, Antônio Carlos Ribeiro e Orli Sestren, sendo este último, meu conterrâneo, que deflagraram projetos, simpósios, encontros, entrevistas, edição de livro, etc. Expresso a eles e a todos os vereadores de Fraiburgo minha profunda gratidão, pois adotaram Taquaruçu como membro nato de sangue e de coração.

Agradecimento à rádio Fraiburgo, ao jornal "O Fraiburguense", Mini News e RBS TV, pelas divulgações e contribuições que ilustraram a História de Taquaruçu, contribuindo para a evolução do nosso passado remoto.

Registro a participação da professora Maria Rosa Zanella, bem como Dona Zeca Cordeiro pela contribuição na obra.

Manifesto os agradecimentos ao historiador Vicente Telles, colega de trabalho, que deu colaboração sem igual para conhecermos a verdadeira História, proporcionando manuais, fitas e seu próprio conhecimento. A ele e sua esposa, muito obrigado.

Agradeço a uma plêiade de amigos que incentivaram, participando do projeto de pesquisa e filmagem.

Obrigado pela participação de Adriane Pontes Serafini no logotipo da contra-capa.

Ao deputado Reno Caramori, que com muito empenho e dedicação, contribuiu decisivamente para a publicação desta obra. Meu eterno muito obrigado.

Um agradecimento especial ao professor da UNOESC e da UPF, Dr. Adelar Heinsfeld, por prefaciar esta obra; ele que muito vem contribuindo, através de seus livros e conhecimentos, engrandecendo a nossa cultura, bem como a História.

Relevante participação da professora Simone Morsoletto Primon, pela correção ortográfica do texto, meus sinceros agradecimentos.

Em especial a Cleide Terezinha Trombetta Savian, pela revisão e organização do texto.

ÍNDICE

| APRESENTAÇÃO11 |
|--|
| CONTEXTO HISTÓRICO |
| 1. TAQUARUÇU – A PÉROLA DO CONTESTADO21 |
| Os Pares de França |
| Chica Pelega |
| Taquaruçu em Foco |
| Uma surpresa para o povo de Taquaruçu |
| Intriga com vizinhos |
| O último adeus à Taquaruçu |
| 2. TELEGRAMA OFICIAL DO EXÉRCITO HABEAS CORPUS43 |
| 3. ANÁLISE DA GUERRA DO CONTESTADO51 |
| O caos |
| Contos do Contestado |
| Décimas do Contestado |
| Taquaruçu na História |
| HOMENAGEM ESPECIAL 69 |
| EPÍLOGO71 |
| BIBLIOGRAFIA |
| ANEXOS75 |

ESPÍRITO

No confronto com os poderosos Por algo precioso o povo lutou; Sua terra, sua gente, seus sonhos l'udo isso os incentivou. intretanto a incompreensão prevalece, O possível ilusão parece E o povo cada vez mais padece. Guerra sangrenta e cruel A dor... Vãs esperanças, povo humilhado! O sofrimento... Tudo arrasado! ∧ angústia... Povo oprimido! O medo... Na miséria aconchegado! A fome... Povo derrotado! A valentia... Traz no coração a esperança! O espírito de luta... Quer terra, mãe, criança! As injustiças... A bala de canhão é mais forte! A igualdade... Todo povo sujeito à morte! Espírito de luta, espírito de fé Espírito...

Professora Simone Morsoletto Primon

APRESENTAÇÃO

O jornalista uruguaio, Eduardo Galeano, certa vez escreveu que "a História é um profeta com o olhar voltado para trás; pelo que foi e contra o que foi anuncia o que será". O dia em que todas as pessoas de uma determinada sociedade tiverem a consciência clara da realidade vivida por elas, perceberão as tendências das transformações sociais, e terão a consciência também do seu poder de transformar o mundo. Portanto, não mais teriam a visão fatalista do profeta. Aliás, os profetas não mais precisariam existir.

As pessoas seriam, em verdade, os senhores de seus destinos. Saberiam que seus atos seriam de enorme importância para o futuro de toda a humanidade e, estariam assim, conquistando e construindo, passo a passo, o seu futuro. Mas não apenas isto. A coisa seria muito melhor: o tempo que os separa do futuro seria apenas o tempo gasto para a construção do sonho do presente. E as pessoas se sentiriam livres de todas as amarras, pois estariam abrindo caminho para sua própria libertação e para a libertação de todos os seres humanos.

Em qualquer grupo social, as pessoas que o compõem precisam conhecer a História da Sociedade em que atuam. Precisam ter consciência histórica para serem verdadeiramente humanos. Ter consciência histórica é conhecer as transformações vividas na sociedade em que se atua. Ter consciência histórica significa ter consciência do nosso poder de transformação – do nosso poder de fogo, poderíamos dizer – do nosso poder de sermos os agentes da História e não seres passivos, acomodados, que sofrem a História, ou que vejam a História passar ao largo.

A consciência histórica não se adquire através da leitura passiva da historiografia existente. A consciência histórica se constrói e, como toda construção, é um processo ativo, de transformação interior do ser humano. A sua construção implica, principalmente, uma ação sobre o mundo. Será a nossa prática social, a nossa participação como elemento de uma classe social que nos levará a uma percepção histórica.

A partir da luta para a satisfação das necessidades vitais e reais, precisamos buscar o conhecimento do passado, conhecer os grupos sociais que empreenderam essa luta, que hoje também é nossa. Nesse sentido é que temos que dirigir o olhar para trás. É evidente que não pode ser o olhar para as coisas mortas, mas o olhar de quem quer compreender a vida, a vida dos seres humanos, de todos os seres humanos, a vida das pessoas comuns, a vida das pessoas dos grupos dirigentes, perceber como se alimentavam, como organizavam seu trabalho, como pensavam, como elaboravam suas leis, como brigavam, como se amavam. Desta forma, o nosso olhar para trás será sempre de maneira a captar a dinâmica da História, pois a História é vida, a História é transformação, a História é movimento.

Quem resolve estudar História está sempre na fronteira; é um empreendedor de viagens. É um viajante real ou fictício, que ao percorrer novos espaços, sempre inicia sua viagem já pensando no regresso, para poder compreender melhor o que está deixando para trás. Quando Sérgio de Lorenzi resolveu lançar um olhar para o passado de sua terra, ele começou a fazer uma viagem em direção a um dos acontecimentos mais importantes da História do Brasil: A guerra do Contestado.

Este livro foi escrito por um historiador profissional, sendo assim, Sérgio de Lorenzi pretende apresentar uma nova visão sobre o Contestado, tendo como objetivo chamar a atenção sobre a importância e a participação do "seu mundo" – Taquaruçu – naquele sangrento conflito. Ao fazer isto, Sérgio de Lorenzi adentra ao que chamamos de História Regional. Como a região somente

pode ser entendida como parte de um sistema de relações que a integra, a História Regional somente deve ser considerada através da análise conjuntural e estrutural, situando-a no contexto nacional e até internacional. E é assim que este livro deve ser entendido.

Paulo Derengoski já disse que "os 'homens' do Contestado Catarinense viveram com ilusões". Cabe, hoje aos estudiosos do Contestado transformar a ilusão de que este importante episódio da História catarinense possa ser conhecido por todos os que vivem neste Estado em realidade. Nessa empreitada, é necessário que todos aqueles que demonstram interesse pelo Contestado unam seus esforços no sentido de fazer com que a gente catarinense possa conhecer seu passado combativo, de luta por um sonho. Certamente Sérgio de Lorenzi está contribuindo para a transformação da ilusão em realidade.

Como já disse um historiador famoso: "A História é decididamente muito importante para ser relegada aos historiadores". Ou apenas a eles!

Parabéns, meu caro Sérgio, pela iniciativa de escrever um livro sobre o Contestado, centrado na comunidade de Taquaruçu.

Prof. Dr. ADELAR HEINSFELD

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNOESC (Universidade do Oeste de Santa Catarina) e História Regional da UPF (Universidade Passo Fundo)

O presente relato visa resgatar, ampliar e aprofundar o estudo de tão importante capítulo de nossa história: "O Contestado em Taquaruçu".

Pretendemos analisar a partir de fatos históricos, entrevistas e depoimentos de como aconteceu, as causas que geraram tal conflito e as conseqüências desse movimento em Taquaruçu e nos seus remanescentes, após o Contestado.

Buscamos criar uma consciência histórica, para que os profissionais de educação, os políticos, os meios de comunicação e a sociedade civil organizada, possam repassar ao povo a sua história, cientes de que ela é o fruto dos nossos antepassados e desta forma tê-la mais próxima de nós.

Primeiramente, é importante salientar que há um equívoco quanto ao uso da palavra "jagunço", pois este era o nome dado aos pistoleiros dos coronéis da época e não aos heróis trabalhadores de Taquaruçu.

Outra questão dúbia é que o povo de Taquaruçu, em sua maioria era composto por homens de bem. Entretanto, no meio deles infiltraram-se alguns desordeiros. Exemplo disso foi o assalto ao trem pagador da Brazil Company em Pinheiro Preto à 24 de outubro de 1909: vinte sete assaltantes liderados por Vacariano, mataram alguns seguranças e levaram 367 contos e 300 réis.

Os assaltantes fugiram, sendo que apenas um deles foi capturado e em seguida solto. Comentava-se que alguns deles foram para Taquaruçu, tendo em vista que lá havia um povo organizado e que seria de difícil acesso para as forças militares.

Ainda é pertinente destacar que o fato "Contestado" não é algo isolado, pois suas implicações não são somente de âmbito nacional. Países como a França e os Estados Unidos tiveram grande relevância nos acontecimentos, como é o caso da construção e terceirização da ferrovia, os doze "Pares de França" e os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade presente em 1789 na Revolução Francesa.

Em visita a Fraiburgo, o pesquisador norte-americano Pe. Joseph Sands (Santa Clara University), escreveu-me numa frase a repercussão que teve a história do Contestado para ele.

"The war of Contestado is an important put of Brazilian history in which is rooted the violence between foreign capital and those who work the land but do not own it".

"A guerra do Contestado faz uma parte importante da História do Brasil no qual está raizada a violência entre o capital estrangeiro e os sem terra".

Segundo o relato do Pe. Otávio de Lorenzi, que é de Taquaruçu, o "Noratão" contava para ele, que o Contestado passou por três etapas: O governo primeiro tirou o Império e proclamou a República em 1889, em segundo, através da Constituição tirou a religião católica como sendo oficial e em terceiro, tirou a terra onde moravam.

Como Honorato era um dos membros dos "Pares de França", desejava através dele, conseguir de volta o Império. Este é o motivo pelos quais intensificavam suas devoções na religião.

O pai do Pe. Otávio, o senhor Antonio de Lorenzi, meu avô paterno, também trabalhou na construção da ferrovia, que ligava São Paulo ao Rio Grande do Sul e um dos primeiros a comprar as terras aonde aconteceu a guerra em Taquaruçu.

CONTEXTO HISTÓRICO

Inicialmente, a Argentina disputou as terras com o Brasil, terras estas que hoje pertencem à região de terra que abrange o Oeste Catarinense e o Sudoeste Paranaense.

A Argentina e o Brasil não se entenderam e os dois governos resolveram entregar a questão ao presidente dos EUA, Grover Cleveland, que no ano de 1895, resolveu a questão entre os dois países, dando ganho de causa ao Brasil, estabelecendo a demarcação hoje vigente.

Devido a este fato, os paranaenses prestaram ao presidente dos EUA, Grover Cleveland, uma homenagem, originando o nome da belíssima cidade de Clevelândia.

Após resolvida a questão com a Argentina começou o litígio entre Paraná e Santa Catarina. Somente em 20 de outubro de 1916, quando os governadores de ambos os Estados, Afonso Camargo (PR) e Felipe Schmidt (SC), com a intervenção do presidente da República Wenceslau Bráz, assinaram um acordo fixando os atuais limites entre os dois Estados. A Guerra do Contestado recebeu esse nome por ter acontecido nessa região, que era contestada pelos dois Estados.

É pertinente destacar que pela primeira vez foram usados cinco aviões nas operações militares brasileiras para o reconhecimento da região. Nenhum desses aviões obteve sucesso em suas operações.

A Guerra do Contestado aconteceu no sul do país. De um lado as forças do governo federal junto com os Estados do Paraná e Santa Catarina, que

através de seus exércitos mobilizaram todo efetivo. De outro lado, pessoas civis, denominados sertanejos, que tiveram sua primeira organização em Taquaruçu.

Tudo começou porque o governo federal, visando a economia e a segurança nacional, resolveu construir a estrada-de-ferro ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul, dando emprego a numerosos grupos de trabalhadores de outros Estados e ocasionando a expulsão dos moradores junto à ferrovia. Com o término das obras, todos permaneceram na região, sem trabalho.

Isso gerou um ambiente de muita tensão social, onde a população civil recebeu o apoio do monge José Maria, organizando um forte grupo em Taquaruçu.

Posteriormente, Euzébio Ferreira dos Santos, denominou Taquaruçu como "Cidade Santa", com homens civis prontos para lutar contra os "peludos", como chamavam os soldados do governo. Os civis, por rasparem a cabeça passaram a ser chamados de "pelados".

Taquaruçu foi a raiz da Guerra do Contestado, só mais tarde Irani, Caraguatá e outras comunidades passaram a fazer parte dessa história.

Este conflito, iniciado em Taquaruçu, estava relacionado a três fatores determinantes: o primeiro referente a companhia construtora da ferrovia, era de um empresário norte-americano, que subornou os funcionários do presidente da República para contratarem sua empresa. Essa companhia conseguiu 30 quilômetros de terra próximo a ferrovia, ocasionando a expulsão dos moradores que lá viviam. Um outro grupo, também ligado a esta companhia, comprou 180 mil hectares de terra na região, que também expulsou seus moradores, instalando ali a maior empresa de madeira da América Latina, e toda sua produção estava voltada para exportação.

O segundo, o temperamento dos homens que participaram da Revolução Farroupilha, Guerra do Paraguai e da Revolução Federalista, onde seus ideais e tradições de luta estavam presentes, através dos que os antecederam.

O terceiro, a instabilidade política entre o coronel Albuquerque de Curitibanos e o Sr. Henrique Paes de Almeida, adversários políticos, sendo este último, apoiado pelos moradores de Taquaruçu.

Diante destes fatos, podemos indicar que as principais causas da guerra foram: disputa entre Brasil e Argentina; litígio entre Paraná e Santa Catarina; a construção da estrada-de-ferro e consequentemente a posse das terras.

Ao término da Guerra, tivemos como conseqüência aproximadamente 20 mil mortos e também firmaram definitivamente os limites entre Paraná e Santa Catarina.

Enfim, ficaram as cicatrizes nos remanescentes onde os civis perderam a guerra, mas renasciam os motivos pelos quais lutaram.

A Guerra do Contestado ocorreu, quase que concomitantemente, com a Primeira Guerra Mundial. Sendo que nesta última não ocorreram mortes de militares brasileiros, já com a Guerra do Contestado, houve várias mortes e muitos feridos.

1. TAQUARUÇU – A PÉROLA DO CONTESTADO

Segundo os comentários relatados pelos remanescentes da Guerra do Contestado, foi verificado que a partir de 06 de agosto de 1912, o monge José Maria chegava em Taquaruçu.

Na época, por toda região do Taquaruçu, o culto a Bom Jesus era celebrado pelos civis. A festa passou a ser animada pela presença de José Maria que ali formou o primeiro agrupamento de pessoas, desprovidas de bens, marginalizadas pelo sistema capitalista emergente. No final das festas, em vez de irem para suas casas, o número de indivíduos aumentava em torno do monge, mesmo porque muitos não tinham para onde ir.

As cerimônias das festas eram feitas por José Maria que desempenhava o papel de sacerdote, porque Frei Rogério, (padre da época), falava muito difícil e o povo não o compreendia. Além do mais, suas pregações eram a favor do governo e dos coronéis, o que ia em desacordo com a opinião do povo. Nas orações, o povo de Taquaruçu praticava o terço, parte cantado e parte rezado, sendo esta uma característica da região que predomina ainda hoje, entre os filhos e netos dos remanescentes.

A festa em Taquaruçu acontecia depois que haviam derrubado o mato para suas roças, mas antes da queimada. Era um sinal visível de quem estava a fim de um futuro melhor e grandioso.

A imagem do Bom Jesus, representada pelo Cristo com o corpo cheio de chagas e as mãos amarradas, era adorada pelos fiéis. Essa adoração permanece ainda hoje.

Nas homenagens lembravam a natureza, nesta época do ano mutilada pela geada, pela seca e pela foice, mas que em pouco tempo renasceria, após a que imada da mata e o plantio, dando nova vida e uma nova visão do vale.



Descendentes da guerra: Roni, Tatiane e Fernando Palhano Fonte: Batalha do Taquaruçu - 2003

Os Pares de França

José Maria e algumas pessoas da região, tinham o grande privilégio de saber ler e escrever. O povo do local gostava de ouví-lo contar as histórias de Carlos Magno e de seus doze cavaleiros.

Motivados por estas histórias, foi organizado em Taquaruçu um pequeno exército composto por quatro comandos: "acampamento, forma, reza e mais a guarda pessoal", que tinham por objetivo proteger os civis e os novos adeptos. Este grupo foi denominado "Pares de França". Essa idéia, como já mencionada, foi inspirada no livro de Carlos Magno.

O Grupo "Pares de França" era composto por 24 homens valentes e hábeis. O comandante agia apenas por sinais e não por gritos. Para o treinamento desses homens o tempo, em Taquaruçu, era gasto nas atividades de montar em belos cavalos, no manejo de facões de três quinas e das espadas.

Os "Pares de França" preparavam todos os outros homens do grupo a fim de estarem prontos para atacar a qualquer momento. Carregavam no lado esquerdo uma bandeira branca com o símbolo de uma cruz verde no centro.

Ao toque de um tambor, todos os habitantes de Taquaruçu reuniam-se, duas vezes por dia, para treinamento de guerrilha, fazer orações, cantar e realizar procissões. Desprotegido, o povo da região buscava conforto nas palavras de José Maria, agrupando-se em Taquaruçu e sentindo-se seguros com a proteção dele e dos "Pares de França".

Chica Pelega

Colaborando com o monge e a comunidade, havia uma senhora muito simpática, a qual acompanhava todos esses movimentos. Tratava-se da valente e corajosa Francisca Roberta, conhecida popularmente por "Chica Pelega". Mais tarde, surge também a vidente Teodora.

"Algumas mulheres xucras, decididas, empunhavam um porrete, ali um espeto de madeira, prontas para lutar, possuídas de histeria e de cego fanatismo".¹

¹ SACHET, Celestino. SACHET, Sérgio. Histórias de Santa Catarina. O Contestado. Florianópolis: Editora Século Catarinense, p. 155, 2000-2001.

Chica Pelega ajudava nas procissões, nas rezas dos terços, dando continuidade aos trabalhos iniciados por José Maria, o qual pregava que no primeiro combate iria morrer, mas que ressuscitaria entre as nuvens para ajudá los. Ela percorria o sertão, dando conselhos, curando as pessoas e receitando de comércio de propriedade de Praxedes Gomes Damasceno, que vendia ervas. Era a comadre de todas as mães, que davam a ela seus filhos para batizar.

"Chica Pelega" foi a heroína de Taquaruçu, nos momentos difíceis estava presente, prestando carinho e afeto. Momentos antes do incêndio de Taquaruçu, ela levou mulheres e crianças para a igreja local, que em seguida foi destruída pelos fogos dos canhões.

Para homenagear esta heroína de Taquaruçu foi, mais tarde, composta uma música cuja letra é de Cirila de M. Pradi e Vicente Telles, a música de Telles, intitulada "Chica Pelega":

> Quem viu Chica-Pelega, viu chispa de raio clareando o sertão: Crente na fala do monge, Chica-Pelega bradou: - Monte, comadre, traga o afilhado que o tempo de briga é chegado na "Cidade Santa" do Taquarucu!

Quem viu Chica-Pelega, viu rasga-mortalha piar no sertão: Crente na fala do monge, Chica-Pelega bradou: - Monte, comadre, traga o fação que é pra defender nosso chão na "Cidade Santa" do Taquarucu!

Quem viu Chica-Pelega, viu fogo no céu e sangue no chão: Crente na fala do monge, Chica-Pelega gemeu: - Monte, comadre, que importa a morte se o amor que vier vem mais forte na "Cidade Santa" do Taquaruçu!

Lá vem Chica-Pelega, vem feito visagem ao luar do sertão, vem o cavalo no tempo, co'a voz do vento a bradar - monte, comadre, São Sebastião vem vindo salvar nosso chão na "Cidade Santa" do Taquaruçu!".

Taquaruçu em Foco

Por volta de 1912, Taquaruçu já era um povoado, existia ali uma casa fazendas (tecidos), ferramentas, armas e outras mercadorias procuradas pelos civis locais. Há certa distância se encontravam centenas de casas, também se destacava uma capela que fora erguida em honra à Santa Cruz.

O monge, para este povo desamparado de tudo e de todos, representava segurança, por isso passou a conduzí-lo. Por onde passava, abençoava as fontes de água, as quais, segundo ele, nunca haveriam de secar (o que realmente aconteceu). Erguiam-se cruzes de cedro que brotavam, transformando-se em arvores existentes ainda hoje.



Gruta de João Maria, localizada na cidade de Fraiburgo, pertencente ao Hotel Renar Fraiburgo/2003



Cruz de cedro, construída por João Maria, hoje tornou-se esta belíssima árvore. É bom lembrar que esta cruz ao ser fincada na terra, brotava. Taquaruçu/2003

É importante lembrar que a construção da estrada-de-ferro que ligava São Paulo ao Rio Grande do Sul, expulsou os moradores próximos à ferrovia. A companhia Americana assumiu a construção, em pagamento recebeu quinze quilômetros de terra de cada lado da ferrovia para colonizar, tendo direito a este passaram a se armar dando proteção ao monge José Maria. São versões que a espaço por 50 anos e mais 30 mil réis por metro. Apareceram duas questões: o afastamento dos verdadeiros donos de terras (posseiros) e a vinda de dez mil extrabalhadores da ferrovia.

cheia de curvas, aumentando o número de pessoas expulsas por ela. Essas alguma coisa ao monge, alguns moradores de Taquaruçu o acompanharam, pessoas encontravam em Taquaruçu um clima propício e uma esperança de dias Inclusive parte dos "Pares de França". melhores. Pela primeira vez em nossa história, um grupo de civis teve nítida consciência da necessidade de exigir direito de terra, dando suas vidas para tal o grupo estava localizado, viu uma grande oportunidade de livrar-se deles, pois ato.

monge em Taquaruçu. Mais tarde, com o término da ferrovia, os dez mil operários vieram somar-se a eles.

O povo de Taquaruçu raramente chamava o coronel Albuquerque pelo nome e sim por "Caudilho Político de Curitibanos", tendo em vista que o coronel Albuquerque era proprietário de uma loja de comércio em Curitibanos. O mesmo impedia que as mercadorias chegassem a seu concorrente de Taquaruçu, o senhor Praxedes Gomes Damasceno.

Neste meio tempo Taquaruçu tinha crescido bastante. Contava com centenas de casebres e aproximadamente 180 casas, feitas com madeira rústica, serrada à mão (hoje temos algumas dessas serras com moradores de Taquaruçu). O povoado era formado por velhos, mulheres, jovens e crianças.

Devido ao clima, ou ambiente impróprio e à situação sócio-econômica, começaram a aparecer algumas doenças. O monge tentou comprar uma farmácia, a fim de que pudesse tratar melhor os doentes, mas é impedido pelo tal "Caudilho de Curitibanos".

Esse episódio provocou revolta entre os moradores de Taquaruçu, que História oficial não relata. Pelo contrário, descrevem que ele foi expulso de Taquaruçu.

O monge resolve partir de Taquaruçu rumando para Palmas com o Como o engenheiro era norte-americano, projetou a estrada de ferro intuito de comprar remédio para seus adeptos. Com medo que pudesse acontecer

Aconteceu que Caudilho, responsável pelas terras de Taquaruçu, onde l'aquaruçu apoiava politicamente o candidato Henrique Paes de Almeida, As pessoas que foram expulsas pela estrada-de-ferro, pelos coronéis adversário do coronel Albuquerque de Curitibanos. O coronel de Curitibanos que tomavam as terras e pelo desamparo das instituições, se apegavam ao telegrafou para Palmas dizendo ao João Gualberto que "aqueles bandos de invasores" tinham deixado as suas terras e que iriam invadir o estado do Paraná.

O coronel de Palmas acreditou nessa tremenda mentira e mandou seu exército Taquaruçu onde ergueriam uma "Cidade Santa". Lá o monge reapareceria para ao encontro dos possíveis invasores.

Quando o monge e seus adeptos estavam a caminho, resolverar Comerciantes e fazendeiros, dirigiram-se para este local, construíram receberam como se fossem meros catarinenses, já que os dois Estados estavar bentificados pelos civis. disputando as terras.

comandados por José Maria. Nesta luta houve mortes de ambos os lados.

Morreram ali José Maria e o Coronel João Gualberto, chefe da polícia Em Taquaruçu aparece o líder, "menino Joaquim", de 11 anos, sobreviventes do combate retornaram para Taquaruçu.

O Diário Catarinense, do dia 3 de abril de 1996, conta que entre os civis, surgiu a figura de Euzébio Ferreira dos Santos, o qual era fiel às palavras do monge, quando dizia que ressuscitaria com um forte exército para conduzir o povo de Taquaruçu à vitória.

> "E então Euzébio exibia aos amigos um canivete, cujo cabo, aparelhado com uma lente, mostrava lá dentro, a cidade santa de Taquaruçu, tal como José Maria costumava descrevê-la, templos de pedra, edificações majestosas, ruas largas, imensos jardins - uma lindeza de cidade" 2

A neta de Euzébio, de nome Teodora contou a todos que teve uma visão de José Maria. O monge teria dito à garota que o grupo deveria seguir para

todos.

descansar em um local chamado Irani (terras pertencentes na época à jurisdição pequenas casas formando uma vila. Criaram o "Quadro Santo de Taquaruçu do de Palmas - PR). As forças de João Gualberto foram ao encontro deles, o Hom Sucesso". Euzébio e os componentes de sua família acabaram sendo

A participação da vidente Teodora foi importante, pórque uniu as No dia 22 de outubro de 1912, aconteceu o combate do Irani, de un possoas que acreditavam no monge. Uma vez começado o grupo, era preciso lado as forças militares comandadas por João Gualberto e de outro lado os civil organizar, disciplinar e dirigir os civis. "Euzébio tratou de vender tudo que tinha, principalmente as terras, colocando o lucro destas vendas à disposição do povo de Taquarucu".3

que ficou arrasada. Os civis apossaram-se das armas do exército paranaense. O denominado "Menino Deus", que também dizia ver o monge. Fundou a "Confraria do Menino Deus" e com ela comandou o destino do povo, da Guerra e da vitória. O menino Joaquim venceu o primeiro combate.

Uma surpresa para o povo de Taquaruçu

O povo de Taquaruçu demonstrou que estava preparado, tudo transcorria na normalidade na "Cidade Santa". Os "Pares de França" treinavam os demais no uso das armas, no manuseio das espadas e facões. A disciplina era enérgica, onde as regras eram seguidas rigorosamente por todos.

Formaram o "Exército Encantado" que pregava a ressurreição do monge que viria conduzindo o Exército Celeste de São Sebastião e os ajudaria a

² SACHET, Celestino. SACHET, Sérgio. Histórias de Santa Catarina. O Contestado. Florianópolis: Editora Século Catarinense, p. 112, 2000-2001.

SACHET, Celestino. SACHET, Sérgio. Histórias de Santa Catarina. O Contestado. Florianópolis: Editora Século Catarinense, p. 112, 2000-2001.

vencer a Guerra em Taquaruçu. Todos esperavam e acreditavam na volta do monge que deveria reaparecer entre as nuvens, conforme prometeu a todos antes da morte no combate do Irani.

Muitos olhavam para o céu e percebiam claramente a imagem do José Maria no meio das nuvens, entre as copas de pinheiros e galhos das árvores. No começo poucas pessoas tinham essa visão; com o passar dos dias todos imaginavam ver sua imagem no céu, crescendo assim a falsa ideologia em torno da pré-anunciação do monge.

Na "Cidade Santa", no início, havia circulação de dinheiro e muita fartura. O gado para o abate era comprado nas regiões próximas de Lages e regiões adjacentes, pago à vista, pois os fiéis trouxeram recursos financeiros provenientes da venda de produtos imobiliários que possuíam anteriormente.

Alguns cultivavam produtos em suas roças e na "Cidade Santa", havia um grande estoque de mercadorias. Tudo era repartido entre todos, um verdadeiro sistema socialista. Uma irmandade entre os moradores: "Quem tem, moe. Quem não tem, moe também".

Todos trabalhavam e auto-sustentavam-se. Com o passar do tempo, depois dos ataques do exército em Taquaruçu, a crise, a fome e a miséria apareceram.

O povo de Taquaruçu anunciava que não queria fazer mal a ninguém. As ordens que recebiam de José Maria, eram que todos deveriam construir uma cidade só para eles, onde poderiam trabalhar, se divertir, viver em paz com todos e em completa felicidade.

Em Taquaruçu praticava-se estratégias, as mais variadas possíveis, das quais destacavam-se guerrilhas ou trincheiras (existentes ainda hoje) e outras táticas de muita superioridade. O secretário do Estado de Santa Catarina, Lebon Régis, elaborou o plano para massacrar Taquaruçu. Vieram soldados do Paraná, Caçador, Campos Novos, juntamente com a força pública que já estava em Curitibanos.

Sabendo deste fato, um dos moradores de Taquaruçu, muito esperto, deslocou-se até Curitibanos. Passando próximo ao local onde estavam os militares, disfarçado de inocente, se aproximou dos soldados e perguntou qual a razão de toda aquela movimentação.

O chefe do exército lhe disse que se tratava do ataque à Taquaruçu. Este senhor, comentou:

"O grupo de lá é muito forte, vocês terão que ir bem preparados!"

Um dos comandantes perguntou:

"Você conhece Taquaruçu?"

Tendo em vista que na época não havia mapas do local. Ele respondeu:

"Sim, mas não vou para lá, porque estou com medo e o povo está muito bem organizado".

O comandante, usando seu poder, convocou o civil, de nome Guilherme, filho de Chico Ventura que os conduzisse até Taquaruçu. Ele respondeu:

"Eu vou até próximo ao local desde que vocês me dêem um cavalo para retornar".

Saíram de Curitibanos ao amanhecer. Não havia estrada, o caminho era difícil, as montanhas e vales difícultavam o trajeto. Além disso, teriam que levar todos os armamentos pesados e a comida. Andaram aproximadamente quarenta quilômetros. Exaustos e como já eram altas horas da noite, o "guia", solicitou que todos descansassem, pois ainda teriam muitas horas para caminhar.

Ali era um local bom para descansar, repor as energias, jantar e dar agua aos animais. Este lugar ficava ao pé de uma colina, onde corriam águas limpidas e ar puro; (terras estas pertencentes hoje ao Senhor Pedro Aleixo Pelisbino, Faustino de Lorenzi e das famílias Palhano e Vidal, sendo os últimos citados, remanescentes da guerra).

A ordem era que todos dormissem, para na manhã seguinte atacarem Taquaruçu, ainda quando os civis estivessem dormindo. Acontece que

33

Taquaruçu estava mais próximo deles do que podiam imaginar e devido ao cansaço do dia pesado, todos dormiram.

"Uma enorme confusão de nossa parte deixa escapar o prisioneiro que nos havia servido como guia para chegar até o reduto".

O guia espertamente fugiu do local, subiu a pequena montanha, andou mais uns dois quilômetros chegando então em Taquaruçu. Lá avisou aos "Pares de França", que por sua vez repassaram a notícia adiante, dizendo que o exército estava bem próximo e que todos estavam dormindo.

Em poucos minutos, o grupo de civis invadiu o local em que o exército se encontrava. Lentamente, com muita destreza e habilidade aproximaram-se dos soldados e sem acordá-los, retiraram suas armas e outros objetos, levando imediatamente para a "Cidade Santa". Quando alguns acordavam, os civis torciam os pescoços, sendo que desta forma, evitavam barulho. Após tudo consumado os "Pares de França", juntamente com seus membros, já de posse das armas apontaram para os soldados e os acordaram. Disseram que se eles não reagissem e tomassem seu caminho de volta nada aconteceria a eles. Alguns soldados reagiram e poucos foram mortos, os demais voltaram para Curitibanos.

O "Menino Deus" foi quem dirigiu os defensores em Taquaruçu. O símbolo de sua fé, do seu poder e de sua força era uma bandeira branca, com uma cruz verde ao centro, que julgava dar proteção.

Hoje esta bandeira tornou-se o "Estandarte do Contestado" pelo artigo 41, 1§ 2º da lei orgânica municipal nº 020/2001, como símbolo do Contestado, no município de Fraiburgo. Projeto de lei elaborado pelos vereadores Mário Henrique Vicente e Orli Sestren. Aprovado pelos vereadores de Fraiburgo e

⁴ SACHET, Celestino. SACHET, Sérgio. Histórias de Santa Catarina. O Contestado: 2000-2001. Florianópolis: Editora Século Catarinense, p. 127. sancionado pela mesa diretora da Câmara Municipal: Mario Henrique Vicente – presidente, José Valdir Chechi – vice-presidente e Lorena Julita Ribeiro – secretária.

"É obrigatório o hasteamento do Estandarte do Contestado ao lado da Bandeira Nacional, Estadual e Municipal, nos órgãos públicos, sob pena de responsabilidade administrativa do servidor e nos estabelecimentos privados, sob pena de não concessão da licença de localização". ⁵

Posteriormente, o Deputado Estadual Aguiar e o governador do Estado Sr. Esperidião Amim elaboraram um projeto semelhante.

Neste combate, não morreu nenhum dos civis. Alguns soldados foram feridos e apenas um deles veio a falecer no dia seguinte. Antes de morrer o soldado pediu que fosse enterrado à paisana⁶, reconhecendo, através desse ato, que sua ação estava ao contrário dos civis, mas que eles estavam certos da causa pela qual lutavam. Foi enterrado pelos moradores de Taquaruçu com todo o respeito que merecia, pois sabiam que ele estava ali porque era mandado pelo governo e pelos coronéis.

Hoje, sabemos que este soldado não foi enterrado em nenhum dos cinco cemitérios lá existentes. Os civis ficaram amedrontados. Enterraram-no em uma via secundária. Segundo depoimento de Honorato Martins, conhecido como "Noratão", hoje estas terras ficam na divisa das terras de Orli Sestren e Pedro Bogo e conforme o Sr. Alceu Weber, o soldado foi enterrado ao lado da antiga estrada, a aproximadamente 50 metros da nova e atual Igreja de Taquaruçu, tendo em vista que ele e sua avó costumavam levar flores naquela sepultura.

6 À paisana: em trajes civis.

Lei orgânica municipal nº 020/2001, criada por Mario Henrique Vicente e Orli Sestren.

Comentava-se em Taquaruçu, que apenas alguns deles foram participar deste combate e que os outros aguardavam a luta que não veio acontecer. Com relação ao grupo que vinha de Caçador estes nem chegaram ao local, pois após alguns tiroteios com moradores ficaram com medo e recuaram. Os que vinham de Campos Novos, foram atacados de surpresa. Os policiais entraram em desespero e retiraram-se do combate.

Os civis usavam os bonés e os distintivos militares, como se fossem troféus, penduravam nas árvores como sinais de vitória e como símbolo da derrota do exército. Por terem notavelmente ganho esta batalha, os civis tiveram sua fé confirmada e passaram a crer que a guerra de São Sebastião era justa e realmente vontade de Deus. Isso fazia com que o número de moradores em Taquaruçu fosse crescendo a cada dia que passava.

Em dezembro, de 1913, Taquaruçu constava com mais de 3000 adeptos do monge.

Intriga com vizinhos

Com a derrota do exército, os moradores de Curitibanos ficaram preocupados. Aumentavam os contratempos entre os moradores de Taquaruçu e de Curitibanos. A fim de dialogar com o povo de Taquaruçu, o Coronel Albuquerque de Curitibanos, solicitou a Frei Rogério (padre da época), que fosse à comunidade e conversasse com os civis para um possível acordo entre eles e o exército.

Benedito Chato, mesmo não gostando do Coronel Albuquerque, era um fiel adepto do padre, prestou a ele segurança, dizendo-se abençoado e protegido por ele.

Ainda quando Benedito Chato vivia e frequentava a região, principalmente o moinho de meus avós em Taquaruçu, dizia ter recebido uma bênção especial do padre e que só iria morrer depois dos 113 anos.

Fato este que veio realmente acontecer. Em conversa com esse senhor, ele repetia sempre as mesmas palavras: "Sou Benedito Chato, mal criado, mangueira grande, pouco gado". Em uma entrevista feita pelos senhores Selmo Delfes, Antônio Duarte e Dr. Flávio José Martins, o Sr. Benedito Chato fez uma confissão inédita e que nenhum autor a descreveu. Benedito Chato confessou com suas próprias palavras, como sendo o autor da morte do coronel Albuquerque: "Meu pai foi muito judiado três anos e depois virou para mim, e eu negaciei ele, finquei uma bala nos cornos dele e outra no cavalo e matei os dois".

Essas mesmas palavras foram confirmadas pelas suas colegas que viveram na mesma época, as quais não falavam deste fato temendo represálias e preferiram guardar segredo até que o autor do crime a revelasse. A população de Taquaruçu já chegava a 800 famílias e com aproximadamente trezentos combatentes. Dentre eles o que mais se escutava no local eram vivas à monarquia, continuando o entusiasmo na "Cidade Santa".

É pertinente salientar que esta guerra aconteceu exatamente na época de transição entre a Monarquia e a República, causando desavenças entre os poderosos, os quais defendiam a República, contrastando com as idéias do povo, pois acreditavam que a Monarquia era coisa de Deus.

Ainda é necessário expor sobre o motivo pelo qual o governador de Santa Catarina tomou posição na Guerra. Um dia, em Taquaruçu, dois repentistas fizeram um "desafio" de versos, trovas, como é comumente conhecido. Porém ao final de um verso que terminava com "Viva a monarquia"

⁷ FELISBINO, Pedro Aleixo. FELISBINO, Eliane. Voz de caboclo. A saga do Contestado revivida nas lembranças dos sobreviventes do reduto de Taquaruçu. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.

o outro repentista não encontrou resposta, o povo então aplaudiu gritando o último verso "Viva a Monarquia".

O coronel Albuquerque tomando conhecimento do fato não perdeu tempo e contou, a seu modo, para o compadre e governador do Estado, senhor Celso Ramos, que também encarregou-se de espalhar tal boato para os demais Estados.

O último adeus à Taquaruçu

O "menino Joaquim" começa a anunciar dias difíceis e é tirado do comando. Assume no seu lugar o "menino Linhares", de oito anos, juntamente com o seu pai, que tem um grande prestígio. Logo eles passam o lugar a duas meninas virgens, elas tinham a função de transmitir aos civis "as ordens" de José Maria. Em Curitibanos, o Coronel Albuquerque diariamente comunicava ao Governador do Estado como estava a situação em Taquaruçu.

O Presidente do Tribunal, o governador Vidal Ramos declarou que os "civis" tinham se organizado de tal forma que estavam atrapalhando a segurança do Estado. Com essa lamentável declaração, o movimento ganhou nome até no Rio de Janeiro, que enviou 750 soldados, equipados com metralhadoras, esquadrões e peças de artilharia que seriam usados no ataque para destruir Taquaruçu. De Florianópolis, veio um enorme reforço. O 54º batalhão de Caçadores, com fuzis que anos atrás tinha sido usado em outra guerra (Guerra dos Canudos).

O ataque a Taquaruçu deu-se no dia 8 de fevereiro de 1914. Data esta que foi decretada ponto facultativo, em homenagem aos mortos na "Batalha de

Taquaruçu". Ficando também instituída a "Semana do Contestado" iniciando sempre na segunda semana do mês de fevereiro.

No dia 8 de fevereiro de 1914, um domingo, de manhã, as forças do governo, comandadas pelo tenente-coronel Dinarte de Aleluia Pires, foram em direção à "Cidade Santa". Andaram vários quilômetros. Aproximadamente 750 soldados, 150 cargueiros e duas seções de artilharia, enviada da capital do país, uma das mais modernas armas em uso do nosso território.

O "Jornal do Brasil", que circulava na época, relatou:

"A força levantou o acampamento e reunida a polícia catarinense seguiu em demanda do Faxinal dos Carvalhos. Acamparam ali as forças, cerca de umas léguas do acampamento de Taquaruçu".8

O local de encontro foi marcado para fazenda do Espinilho, perto de Taquaruçu. Chegando próximo de Taquaruçu, os soldados encontram um grupo de civis, que fogem sem enfrentá-los. Em seguida, numa encruzilhada acontece outro encontro com os civis, que estão dispostos a lutar.

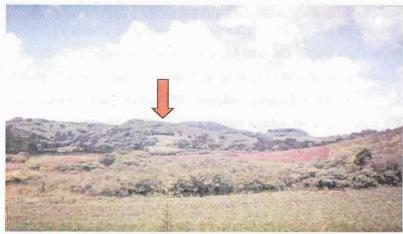
Começa a troca de tiros, Taquaruçu fica em pé de guerra. Todos estão aptos: a luta inicia entre as curvas do rio; nos buracos das trincheiras abertas no terreno, embaixo dos pinheiros, entre as montanhas e as planícies do relevo.

⁸ Jornal do Brasil. Os sucessos de Taquaruçu. Jornal de circulação no Rio de Janeiro, na época do Contestado, s/d., p. 10.



Terrenos sinuosos, onde estavam construídas as casas no tempo da guerra. Taquaruçu/2003

Os civis se movimentam rápido, engatinhando apontando em direção à entrada principal de Taquaruçu. Os soldados conseguem chegar em uma elevação onde podiam avistar 180 belas casas e uma centena de casebres que faziam parte da "Cidade Santa".



Vista exata do alto do morro, onde o Exército instalou os canhões e fuzis para massacrar o povo de Taquaruçu. Taquaruçu/2003

No alto da montanha, a aproximadamente 600 metros, os soldados instalaram as peças de artilharia que disparariam os canhões, fuzis e metralhadoras, tornando Taquaruçu o palco do massacre.



Vista parcial do Vale do Contestado. Taquaruçu/2003



Vista parcial de Taquaruçu em 1913. Época da Guerra Fonte: http://geocities.yahoo.com.br/joatan74/sc/contestado.html

Canhões, fuzis e metralhadoras lançam "balas" sobre Taquaruçu abrindo buracos no vale, queimando as casas de madeira, os casebres cobertos de palha e destruindo as árvores. Os civis tentaram responder com o pequeno poder de fogo que tinham, cujos tiros não alcançavam o alto da montanha.

Entre os militares e os civis, entre o morro e a várzea, a luta é feroz e desigual, mas nem por isso menos eficaz. A cada intervalo dos canhões, das metralhadoras e dos fuzis, para o reabastecimento, ouvia-se gritos dos civis que chamavam os soldados a lutarem corpo-a-corpo. Era uma covardia total, desproporcional e injusta.

Em Taquaruçu, as bandeiras brancas se agitavam de forma coordenada. Eles acreditavam que o Estandarte do Contestado teria o poder de matar 50 soldados cada vez que fossem descritas três cruzes no ar. Próximo às dezesseis horas, Taquaruçu começa a ser totalmente destruído pelas chamas. Os tiros de canhões incendiavam as casas e a Igreja, onde encontravam-se mulheres e crianças acolhidas por Chica-Pelega.

Os soldados notaram que Taquaruçu estava ficando vazio de seres vivos. De uma hora para outra, de forma inesperada o tiroteio cessa. Um temporal caía sobre Taquaruçu, abrigando as forças do governo pararem de atirar e entrarem em suas barracas.

No dia seguinte, Taquaruçu estava completamente vazio, jaziam apenas os corpos entre as cinzas das casas. Os soldados começaram o reconhecimento dos prejuízos causados pelos canhões e pelas metralhadoras.

Os soldados encontram uma cena inusitada. Corpos de mulheres e de crianças distribuídos pelo terreno cobertos de sangue, fumaça e cinzas. Era uma imagem muito forte, obra de grandes granadas que lançaram raios de fogo durante mais de três horas sobre Taquaruçu. O estrago das armas sobre o povo de Taquaruçu foi grande e de pouca repercussão para as autoridades.

Segundo os remanescentes, os mortos ultrapassavam 600 pessoas, entre mulheres, homens e crianças. Eram braços, cabeças, animais mortos, bois,

cavalos, casas queimadas, por toda a parte. Ocasionava pavor e dó, a cena vist aos olhos dos vencedores, ao mesmo tempo repudiava os poucos remanescente ao ver tamanha covardia. Era um terror, pedaços humanos esquartejados po todos os lados.

As trincheiras de pinheiros feitas pelos civis, pouco serviram, ben como os 105 buracos feitos ao chão onde escondiam-se para escapar dos tiros.

A vitória foi comemorada pela aclamação pública, à medida que o vencedores encontravam Taquaruçu sem vida.

Os soldados não sabiam que a maior parte dos civis já havia saído d Taquaruçu, passando para Caraguatá ao norte, próximo de Caçador. Algun civis escaparam de Taquaruçu, durante a noite, aproveitando o temporal. Par estes, a natureza parecia estar a seu lado.



Entre a mata virgem, vemos as trilhas percorridas pelos civis que lutaram na época. Taquaruçu/2003

Depois de alguns momentos de pânico, após a tomada de consciênci do ocorrido, os ânimos foram aos poucos acalmando-se, a medida em qu acreditavam não ter ocorrido mortes em Taquaruçu, mas sim, que várias pessoa haviam "passado" para o lado do monge José Maria.

2. TELEGRAMA OFICIAL DO EXÉRCITO HABEAS CORPUS

Em seqüência será exposto um telegrama, com pequenas adaptações, advindo do dia 20 de janeiro de 1914, onde encontram-se relatos do Senhor Carlos Cavalcanti ao Senhor Ministro Oliveira Ribeiro, referindo-se ao Habeas Corpus impetrado na época. Documento esse conseguido através da Comissão "Batalha do Taquaruçu".

O relato passará a ter uma versão oficial da História. Neste telegrama, há detalhes pertinentes que dão cunho científico a esta obra.

Telegrama do Senhor Carlos Cavalcanti ao Ministro Ribeiro, Presidente do Supremo Tribunal Federal do Rio de Janeiro

"Dando o devido cumprimento a requisição do Ilustre Supremo Tribunal Federal, a qual Vossa Excelência se dignou de transmitirme em obediência ao acordo nos autos de Habeas Corpus impetrado em favor de Francisco Paes de Farias, Euzébio dos Santos e mais cerca de 300 indivíduos que se dizem perseguidos pela força pública e ameaçados de prisão e morte por autoridades deste Estado e do de Santa Catarina, nos lugares Taquaruçu e Curitibanos, sob pretexto da prática de ritos religiosos, cabe-me informar que os lugares Taquaruçu e Curitibanos, achando como se acham sob jurisdição do Estado de Santa Catarina, medida alguma de repressão foi ordenada pelas autoridades deste Estado que até este momento conserva-se plena paz em relação aos citados indivíduos das localidades a que se referem os autos de habeas corpus requerido. Saudações. Carlos Cavalcanti."

Telegrama do governador Vidal Ramos ao Ministro de Supremo Tribunal Federal do Rio de Janeiro

"Tenho a honra de responder ao telegrama em que Vossa Senhoria Requisita informações para decisão da ordem de Habeas Corpus impetrada em favor de Francisco Paes de Farias, Euzébio dos Santos e outros.

Nos primeiros dias do mês de dezembro passado as autoridades dos municípios de Curitibanos e Campos Novos trouxeram ao conhecimento do governo do Estado a notícia de que um ajudante de sertanejos fanáticos se estava formando as margens do Rio Taquaruçu, afluente do Marombas. Essas primeiras comunicações anunciavam que ali já se achavam cerca de cento e cinqüenta homens armados de Carabinas de Winchester de revólveres de outras armas de fogo e com diversos tipos de facões.

Assim que chegaram essas notícias dei providências imediatas para que fossem enviadas ao acampamento daqueles sertanejos pessoas conceituadas a fim de lhes aconselharem a dispersão e o desarmamento. Desde então esses sertanejos se dizem guiados pelo monge José Maria que como é público e notório foi morto no encontro de Irani. Frei Rogério que há muitos anos pregava missões naquela zona onde goza de considerável estima foi a Taquaruçu entender-me com os fanáticos entre os quais contava grande número de conhecidos.

Aos seus conselhos para dispersão e desarmamento responderam com os mais grosseiros insultos e ameaças a própria vida conforme declarou aquele sacerdote em entrevistas que concedeu e em cartas que dirigiu aos jornais desta capital e que foram publicadas na imprensa do Rio.

Na carta que dirigiu ao jornal da época desta capital Frei Rogério diz que ao mesmo tempo que alguns fanáticos o insultavam um grupo de homens com facões e espadas em punho rodeavam o respectivo comandante ao passo que o restante dava tiros para cá. Verificando desde logo que esse ajuntamento de homens armados grande parte à Winchester e que conforme comunicação das autoridades de Curitibanos já haviam obrigado os habitantes da circum-vizinhança a abandonarem suas casas ameaçada a ordem pública fiz seguir para Curitibanos município em cujo território corre o Rio Taquaruçu o desembargador chefe de polícia doutor Salvio de Sá Gonzaga, a quem pela lei estadual nº 856 de 19 de

outubro de 1910 compete evitar e dispensar os ajuntamentos ilícitos.

Convém ponderar desde já que os sertanejos que estabeleceram dois acampamentos, um na casa de Praxedes Gomes e outros na casa de Francisco Paes de Farias; vulgo Chico Ventura; contavam e contam em seu número conforme comunicação do desembargador chefe da polícia diversos criminosos entre os quais Benevenuto Alves de Lima vulgo, Venuto Bahiano, pronunciado no artigo 294 parágrafo 2 e 304 parágrafo único do código penal, José Francisco Marques, Domingos Coelho de Medeiros, Victoriano Francisco Marques, Vidal Carlos de Medeiros, Fedelhos Francisco Marques, pronunciados no artigo 294 parágrafo 1 Libino Alves Palhano pronunciado no artigo 350 parágrafo Bento Alves Pacheco, pronunciado no artigo 304 parágrafo único, Antônio Thomaz de Andrade, pronunciado no artigo 294 parágrafo 1 e 304 parágrafo único, Manoel Santos Marinho pronunciado no artigo 304, Fernandes de Moraes no artigo 192, Manoel Faustino Pereira. Dionízio Faustino, e Estevão Alves de Chaves no artigo 294 parágrafo 1, Prudêncio José Fernandes no artigo 267, Vicente Emiliano de Paulo no artigo 230 parágrafo 4, Lúcio Vicente Rosa e seus irmãos Ignácio no artigo 294 parágrafo 1, João Carvalho Oliveira no artigo 303 parágrafo único, Domingos Alves Santos pronunciado no artigo 304, Ovídio Ferreira de Souza no artigo 294 parágrafo 1. Todos pronunciados na comarca de Curitibanos existindo contra eles na mão da autoridade competente os respectivos mandados de prisão.

Além disso, existem no acampamento dos fanáticos diversos pronunciados no Paraná pelo morticínio do Irani – ao mesmo tempo que fazia seguir para Curitibanos o desembargador chefe de polícia por intermédio do ministro do interior e justiça, solicitei telegraficamente do governo da União o auxílio das forças federais que pelas proximidades da estrada de ferro São Paulo Rio Grande mais fácil e rapidamente poderiam chegar ao local do ajuntamento, evitando assim que os sertanejos, cujo número aumentava dia a dia, perturbassem a ordem naquela zona e se embrenhassem nos sertões do município de Palmas como já se fizeram por ocasião no movimento que terminou em Irani.

Atendendo prontamente ao meu pedido o governo da União por intermédio do senhor Carlos Cavalcanti inspetor da região, fez seguir do Paraná e desta capital para a zona em questão alguns continentes de força federal. Continuando o ajuntamento é constatada a ineficácia das tentativas para o desarmamento e

dispersão dos fanáticos por meios brandos e seus suasórios foi resolvido que as forças se dirigissem para Taquaruçu a fim dispersá-los prendendo os criminosos que ali se achavam.

Nessas condições e de acordo com o desembargador chefe de polícia, foram dadas ordens pelo capitão do Exército Espiridião de Almeida, que na sua qualidade de oficial mais graduado e antigo, era o comandante geral das forças que deviam agir contra o reduto. As forças marcharam em demanda de Taquaruçu de onde chegavam conforme atestam as ordens restritas do referido capitão e as comunicações telegráficas do chefe de polícia, notícias de que os fanáticos estavam dispostos a resistência, o que de fato se verificou.

O chefe de polícia em carta que dirigiu ao capitão Espiridião declarou que tendo em vista os princípios de humanidade e as recomendações do governo do Estado, as forças sob suas ordens só atacariam se fossem agredidas ou se não fossem atendidas as determinações, que seriam feitas por intermédio dos fanáticos presos, para entrega das armas e dispersão. Em data 17 de dezembro, dirigi ao desembargador chefe de polícia o seguinte telegrama: "Florianópolis 17 de dezembro desembargador chefe polícia Curitibanos sentimentos humanidade para com infelizes sertanejos mulheres e crianças que talvez mais por ignorância do que por outra causa constituem no momento ameaça para a tranquilidade dessa zona aconselham antes de empregar força procurar todos os meios possíveis para dispersá-los e desarmá-los sem derramamento de sangue. Convém igualmente verificar se entre eles existem criminosos ou bandidos para sobre eles recair pelos meios adequados a ação da polícia. Confio como sempre no vosso esclarecido espírito e alto tino. Assinado, Vidal Ramos".

No dia combinado entre o desembargador chefe de polícia e os comandantes dos contingentes federais. As forças defrontaram o reduto de Taquaruçu. O contingente de força estadual que fazia o serviço de franqueadores encontrou, conforme declarou o chefe de polícia e conforme se verifica no relatório, capitão Adalberto de Menezes comandante de um dos contigentes federais, apresentou ao general inspetor da região e que foi publicado na imprensa desta capital, na do Paraná e na da capital da República. Encontrou no caminho desde uma légua de distância do reduto diversas trincheiras de uma das quais irrompeu terrível fuzilaria, caindo por essa ocasião mortalmente ferido um praça da força estadual.

Nessa mesma ocasião fugiu o prisioneiro Guilherme que servia de guia e é filho de Chico Ventura um dos chefes dos fanáticos,

homem de maus antecedentes e que por crime de morte já respondeu a júri na comarca de Curitibanos. Em virtude das atitudes dos fanáticos as forças as ordens do desembargador chefe de polícia e as do comando do capitão Adalberto de Menezes foram obrigadas a travar combate com eles o que fizeram durante quase duas horas tendo sido feridos por essa ocasião diversos praças do exército se recolheram ao hospital militar de Curitiba conforme comunicação general inspetor da região.

Eram nas imediações e na própria casa de Praxedes Gomes, chefe principal dos fanáticos que estava pronunciado no Paraná por ter tomado parte nos sucessos do Irani que se escondiam e se abrigavam os fanáticos e criminosos reunidos às margens do Rio Taquaruçu. Não tendo as forças pela sua insuficiência numérica e por não ter comparecido a companhia do comandante do Capitão da Polícia Militar Espiridião conseguindo tomar o reduto resolveram retirar-se.

A companhia sob comando do Capitão da Polícia Militar Adalberto de Menezes regressou para a estação do Rio Caçador e a força estadual para a vila de Curitibanos com o desembargador chefe de polícia. A companhia do Esperidião que não tomou parte no ataque retirou-se para a vila de Campos Novos.

No dia 3 de janeiro um grupo de fanáticos chefiado por Praxedes Gomes que empunhava uma bandeira branca com uma grande cruz verde ao centro e que era o símbolo de guerra dos fanáticos, conforme declarou em seu relatório o Capitão da Polícia Militar Adalberto de Menezes e o confirmou o desembargador chefe de polícia, atacou pelas sete horas da manhã, a vila de Curitibanos travando com as forças do regime de segurança do Estado que ali se achavam e com os habitantes da vila um serrado tiroteio de que resultou a morte de dois fanáticos, caindo gravemente ferido chefe Praxedes Gomes que morreu no dia seguinte.

Interrogado na forma da lei pelo desembargador chefe de polícia, declarou que viera armado e com gente armada atacar a vila para retirar diversas mercadorias suas que tinham sido apreendidas por aquela autoridade, por existirem entre elas seis carabinas Winchester e três mil setecentos e cinqüenta cartuchos de diversas espécies.

Os bandoleiros que atacaram a vila foram rechaçados. No dia seguinte, à noite, porém, tentaram de surpresa um novo ataque

sendo novamente repelidas. Depois desses fatos o governo do Estado de acordo com o Carlos Cavalcanti, inspetor da região, resolveu movimentar maior número de forças para restabelecer, a ordem naquela zona dispersando os fanáticos e prendendo os criminosos que no meio deles se achavam.

Durante estes últimos dias tem sido visto nas proximidades da vila de Curitibanos um grupo de fanáticos armados chefiado por Pedro Teles, denunciado na comarca de Campos Novos por crime de morte. O desembargador chefe de polícia me comunicou que João Rodrigues Santos, pessoa de confiança que esteve presa no reduto de onde, com grande dificuldade conseguiu evadir se, informa que os fanáticos que estão dispostos a residência contam fora mulheres e crianças, mais de trezentos homens e que estão munidos de grande quantidade de Winchester, revólveres, armas de fogo e facões. Um grupo de mais de trinta homens chefiados por Venuto Bahiano saqueou as casas de João Dias Firmino Gomes e Antônio Mendes.

Esse mesmo grupo roubou gado da fazenda denominada Butiá Verde, conduzindo-o ao reduto. O comandante da força federal que se acha na estação do Rio Caçador informa e bem que o grupo chefiado por Giduca de Tal percorre os lugares denominados Perdizes e Caraguatá preparando emboscadas contra as forças encarregadas de dispersar e desarmar o sertanejos reunidos em Taquaruçu.

O Carlos Cavalcanti, inspetor da região informa que Maurício Carlos que escapou desse grupo declarou que a sua tropa de Muares, foi aprisionada pelo referido grupo. Por estas informações que me tem sido transmitidas em minuciosos despachos telegráficos verifiquei que os sertanejos se reuniram em Taquaruçu e grande parte deles movidos por uma perigosa exaltação religiosa.

Essa reunião, porém, assumiu desde logo uma feição perturbadora da ordem pública. Além de:

Estarem quase tomados os sertanejos armados de carabinas, winchester, revólveres, facões e de terem estabelecido trincheiras ao longo do caminho que conduz a Taquaruçu desde uma légua de distância do reduto:

Terem atirado contra as forças que faziam explorações nas proximidades do reduto sem que essas tivessem disparado sequer um tiro;

Terem mortalmente ferido um dos praças empregados nesse serviço;

Dois ataques consecutivos à vila de Curitibanos;

Praticarem saques nas casas outrora nomeadas, roubos de gado que estão iniciando (conforme comunicação do desembargador chefe de polícia), os fanáticos ainda estão fazendo constantes exercícios militares sob as ordens de perigosos criminosos como Benevenuto Alves Lima e outros contra os quais existem mandados de prisão.

Foi para impedir prática tais atos, para restabelecer a ordem naquela longínqua zona e para a conseqüente prisão dos criminosos que ali se acham; que o governo entendeu seu dever tomar providências decisivas e enérgicas, evitando conseqüências talvez muito tristes para o Estado.

O governo do Estado, pretendendo com as providências tomadas, impedir a reunião de indivíduos armados que dão guarida a criminosos que já atacaram forças encarregadas de manter a ordem pública, que assaltaram audaciosamente a vila, que saquearam casas, que roubaram gados como os fanáticos de Taquaruçu conforme as comunicações que anteriormente aludido. O governo continua, entretanto, a envidar todos os possíveis esforços para conseguir a dispersão dos sertanejos fanatizados por meios brandos e suasórios.

Terminado, cumpro o grato dever de me expor inteiramente a disposição desse colendo Tribunal, para lhe prestar com a máxima prontidão. Solicite quaisquer informação de que houver mister, para o desempenho da sua alta e nobre missão. Saúdo respeitosamente a Vossa Excelência Vidal Ramos. Governador".

3. ANÁLISE DA GUERRA DO CONTESTADO

O Contestado, nesta concepção, foi um confronto de duas civilizações: a civil, caracterizada pela generosidade, fraternidade, sonho de igualdade, justiça social e a civilização capitalista moderna, gerada pela ação predatória e extorsiva do capital estrangeiro, e pela corrupção dos políticos do Paraná, Santa Catarina e do Brasil.

Esta revolta gerou a violência que marcou o povo catarinense, sobretudo os moradores de Taquaruçu. Nestes, exerce até hoje pressão sobre seu modo de agir, trabalhar, falar e manifestar. Constatamos isso, no espírito de valentia e rebeldia, contra tudo, querendo resolver seus problemas a força, não levando desaforo para casa; andando armados; tendo espírito de vingança; também pela maneira diferente de se divertir e de praticar suas devoções religiosas; além de ser conhecida até hoje como "região de pistoleiros".

Convém acentuar que o pistoleiro é pós Contestado, mas não deixa de ser uma conseqüência do Contestado. Tal clima foi criado e acentuado mais ainda, pela brutalidade com que as autoridades policiais e seus homens, tratavam o povo.

Refazer a História é ter consciência clara dela, criando um elo que una as pessoas num modo diferente de pensar. A História do Contestado não pode ser excluída do contexto histórico, pois traz em seu íntimo a vivência de uma geração, com as características culturais, sociais e econômicas a elas inerentes.

O Contestado não foi um fato isolado, foi um problema muito complexo, onde não se pode esquecer que:

• deve ser levado em consideração a questão de Palmas (fronteira Brasil - Argentina).

• não é questão apenas de fanatismo ou messianismo, é uma questão folclórica, como referiu o Dr. Mário Henrique Vicente em seu eloqüente discurso no Simpósio do Contestado:

"Eu peço vênia e gostaria de inserir neste contexto da Guerra do Contestado enfocando não apenas o aspecto histórico, que até agora foi levantado, mas tentando contextualizá-la em si, aproximando também essas celebrações, e sobretudo tentar inserir o aspecto cívico desta questão cultural. Desta forma, permito-me propor que deste Simpósio, de todas as conclusões a serem tiradas, não seja olvidado o aspecto relativo à cultura da época do Contestado, dando ênfase à música e à dança". 9

- a questão econômica do Paraná e Santa Catarina, mata, campos e gado;
- o problema da estrada de ferro que marginaliza o posseiro, desapropria, não paga os funcionários que permanecem na região totalmente desprovidos;
- a disputa econômica entre os coronéis, abrangendo as áreas de pastoreio e os problemas sociais criados pelos fazendeiros;
- "Irani foi o início do litígio entre os dois Estados. Com a disputa ocorrida no Irani, o povo civil reorganizou-se em Taquaruçu. Mas, quem levou a refrega, quem pagou, foi o povo sofrido, o pobre, o fraco.

O caos

Com o depoimento da remanescente Anunciação Palhano, temos noção do que os civis de Taquaruçu enfrentaram naquela noite:

"Nós fugimos para o mato arrastados pelos nossos pais passando por cima de ribanceiras e fomos parar em cima de uma cochilha, onde tinha uma casinha coberta de xaxim. Chovia tanto, tanto, que o xaxim encharcou de tal modo, que nós não sabia se ficava lá fora ou dentro da casinha. Era tão grande a chuva que chovia mais dentro do que fora. Nesse momento os canhões cessaram. Aproveitando da grande tempestade que caía na hora, fugimos com nossos pais para Caçador (Caraguatá)". 10

Para Anunciação, o dia 8 de fevereiro de 1914 não foi um dia igual aos outros, o sol não quis aparecer nesse dia, os pássaros também se calaram parecendo adivinhar o que ia acontecer, somente o tempo escuro parecia fazer pano de fundo para essa cena, pois o estrondo da chuva e trovoadas que pareciam chorar pela morte de seus companheiros.

Os vitoriosos comunicaram ao General Alberto Ferreira de Abreu, inspetor da Região Militar, em Curitiba, o massacre dos civis e receberam como resposta que eles não poderiam furtar-se ao dever de elogiar o Sr. Tenente Coronel Dinarte de Aleluia Pires e os seus heróicos companheiros aos quais o Estado do Paraná ficaria devendo a tranquilidade em seu território.

A batalha do Contestado do dia 8 de fevereiro de 1914 foi uma resposta do poder político da época, contra o atrevimento dos civis frente o avanço das relações capitalistas impostas pelo grupo Farquhar (Brazil Railway e Brazil Lumber).

⁹ Simpósio do Contestado, Palácio de Santa Catarina. Florianópolis: 25 de outubro de 2001.

Vídeo. Edição: Sebastião Góes. Roteiro, Direção e Produção: Jeanne Barbosa. Câmara: Valdir Maurício e Joaquim Veríssimo.

A Batalha do dia 8 de fevereiro demonstrou que os civis foram sujeitos de sua história e um dos mais ricos movimentos da humanidade. Os civis perderam a Guerra, mas a nobre causa pela qual lutaram com certeza renasceu. Somando os remanescentes da Guerra aos imigrantes, Taquaruçu é reconstruído e acabou tendo um grande desenvolvimento à força de muita determinação.

Taquaruçu, terra encharcada de sangue. Por este motivo tão produtiva. Na região do meio-oeste e planalto catarinense, próximo ao vale Rio do Peixe é a grande herança que Fraiburgo e Santa Catarina receberam dos civis. Esses homens anônimos, cuja valentia e sofrimento sobraram apenas algumas esquecidas e pisadas sepulturas.

Hoje, Taquaruçu ganhou uma História, modelo de justiça, onde prevalece a paz social e a força de trabalho.

Transformaram o sangue derramado pelos antepassados em frutos, formando uma comunidade íntegra, onde cultivamos amizade, fazemos festa e comemoramos a vida. Escritos que não estão na História oficial e não obtiveram a merecida edição.

Com isso, a comissão "Batalha de Taquaruçu" quer resgatar a memória desses heróis de nossa História que engrandeceu: Taquaruçu, Fraiburgo, Santa Catarina, Brasil, a cultura e ampliou nosso território.

Contos do Contestado

Registro aqui alguns acontecimentos verdadeiros, vividos após o Contestado:

• Os moradores de Taquaruçu, ao extraírem mel nos troncos ocos de imbuía, resolveram derrubá-los para facilitar o trabalho e reaproveitá-los para fazer cepos de cerca.

Primeiramente, extraía-se o mel, após cortavam em tamanhos adequados. Quando meu pai, Florêncio de Lorenzi e meu tio Pascoal de Lorenzi estavam cortando a imbúia, encontraram um esqueleto humano completo dentro do tronco. Tinha muito mel, mas ninguém queria prová-lo.

- Quando trabalhávamos no local onde ocorreu a Guerra do Contestado, encontrávamos vários ossos, apanhávamos e medíamos nas pessoas que ali trabalhavam, para saber o tamanho das pessoas que haviam morrido, tudo sem muita consciência de tal fato.
- Algo era estranho, encontrávamos vários pedaços de esqueletos, mas nunca a parte superior, ou seja, a cabeça. Somente depois de alguns depoimentos, encontramos a resposta. No ano de 1925, após a guerra, com a chegada de novos padres em Taquaruçu, autorizaram o Senhor Mirinho, um dos remanescentes a enterrar todas as cabeças encontradas, em um cemitério.
- Devido ao grande número de pessoas que morreram no local, como também ao solo úmido, em algumas noites, levantavam pequenas

liberações de gases e percebíamos fogo no local. A população ficava apavorada, dizendo ser "visagem".

- Com relação às trincheiras e trilhas existentes em Taquaruçu, no campo onde ocorreu a "Batalha do Contestado", algumas foram fechadas. O clube "4S" transformou-as em um campo de futebol. Antes disso, elas serviam para brincar e tomar banho.
- É comum encontrar destroços de "materiais bélicos", como: pente de fuzil, balas de canhões (tanto carregadas como descarregadas).



Vestígios encontrados ainda hoje entre os moradores do local. Taquaruçu/2003

■ Segundo o remanescente Honorato Martins, conhecido como "Noratão", no final da Guerra a situação era tão difícil, que eles não tinham mais o que comer. Quando matavam lagarto, assavam a carne e repartiam entre si. Pegavam o couro do animal, jogavam aberto em cima

das brasas, que, encolhia rapidamente, puxando todas as brasas para o meio do fogo. Quando nem isso tinham, comiam couro de boi ou seu próprio cinto.

■ Muitas pessoas escondiam objetos que tinham em buracos feitos na terra, facilitando sua locomoção. Por isso, alguns curiosos vão ao local fazer escavações, objetivando encontrar panelas de dinheiro.

Caso Verídico do Contestado relatado pela professora Rosa Maria Zanella:

"Minha avó Maria dos Prazeres Antunes, que era costureira, sempre contava a história de sua máquina de costura.

No tempo da Guerra do Contestado, meu avô que era rapazito, morava com seus pais na Fazenda Aleixo, Capão Alto, perto de Lages.

Tinha na época uma casa de comércio e viviam amedrontados, pois a jagunçada invadia as fazendas, saqueando e matando os animais.

Certo dia um homem passou pela casa de comércio de meu avô e avisou:

 A jagunçada está vindo e passando um Lenço Vermelho em quem oferecer resistência. A expressão "Lenço Vermelho", significava que todos seriam degolados.

Meu avô Francisco Antunes de Lima lembrou da máquina de costura da sua mãe e pensou: "Pelo menos esta eu vou salvar!" Enrolou a máquina em uma coberta e enterrou a mesma embaixo de umas árvores caídas.

Passado mais ou menos doze anos, ele voltou ao local e desenterrou a máquina, que estava bastante danificada pelos cupins. Foi a única coisa que restou de tudo o que tinha. Casou com minha avó que era costureira e foram morar em Caçador.

Esta máquina serviu como instrumento de trabalho para minha avó, até o fim de sua vida.

A mesma máquina hoje foi restaurada e se encontra com minha tia Ieda, aqui em Fraiburgo".

De acordo com a remanescente Anunciação Palhano, conhecida como Anúncia, relatou-nos:

"Eu era criança naquele tempo, mas me lembro bastante como formavam o pessoal. Havia uma bela igreja que queimou lá embaixo onde eles foram hoje lá, ficava em cima da casa do Gervásio para cima assim, no morro em cima. Lá tinha "metralhadera" e um monte de arma. Lá eles batiam nas "metralhadera" e era bala velha tinindo prá cá.

Entrou a força do governo, queimaram as casas que tinham e terminaram com tudo. O pessoal se acudiram na igreja, que em seguida queimou com os fogos dos canhões. Queimou gente, mulheres e crianças, incendiou, ficou só cinzas.

Nós corremos para o mato, mesmo que não adiantava, pois onde os canhões pegavam, pegavam.

Saímos pelo mato assim e fomos pousar numa altura do mato prá cá. Tinha um rancho de xaxim que partiram o xaxim assim. Fizeram um rancho de ranchão encheu, encheu, encheu, chuva, chuva, chuva. Tanto molhava lá fora como lá dentro. O xaxim encharcou, pingava lá dentro".

Nos relatos feitos pela sobrevivente do massacre do Taquaruçu, Maria Cândida Palhano popularmente conhecida como Tia Canda, descrevia que:

"Eu tinha 10 anos naquela época. O monge foi que ele veio estava dizendo que vinha, mas, mandou dizer que vinha, vinha e vinha e não veio mesmo. O pessoal se reuniu para esperar ali nas casas por ali.

Vídeo. Edição: Sebastião Góes. Roteiro, Direção e Produção: Jeanne Barbosa. Câmara: Valdir Maurício e Joaquim Veríssimo.

Nem queira saber homem o tanto que nós sofremos. Os canhões velhos passavam urrando assim, por cima de nós, estourado como caía inteiro, como estouravam prá lá, foi forte aquela vez.

Saímos fugindo, meu pai, uma trinca de gente, homem por este sertão "brabo", subindo perau de pedra, crianças sendo puxadas pelas mãos de noite e fomos amanhecer o dia no campo dos perdizes, nas costas do campo.

Os que se escoravam nas paredes de madeira morriam, morreu alguma gente aí.

Eles tinham feito uns buracos pra se entrincheirarem. Doze buracos cheios de gente morta. Depois de tudo passado, fomos com a mãe, acender velas e olhar, dava pena aquela gente mal sepultada, fervendo imundície em cima das sepulturas". 12



Observamos à frente do Rio Taquaruçu o local onde muitos civis foram jogados após a guerra. Taquaruçu/2003

¹² Vídeo. Edição: Sebastião Góes. Roteiro, Direção e Produção: Jeanne Barbosa. Câmara: Valdir Maurício e Joaquim Veríssimo.

"Negão, (neto de remanescente), na filmagem fazia o papel do "Menino-Deus", dizendo que lutava com coragem e carregava uma bandeira branca". 13

"Matheus Bogo, morador do Taquaruçu, conta-nos que o Contestado foi uma guerra que o povo lutou pelo direito à terra e não conseguiam, eram explorados pelos coronéis da época.

- Jagunço, foi o nome dado àquele povo que lutou". 14

Dentre os mais ativos e espertos remanescentes, destacava-se Francisco Teixeira Palhano, conhecido como Tio Chico. Descrevia suas proezas com muita criatividade e habilidade:

"Eu me lembro como se fosse ontem. Naquela época eu tinha de 7 a 8 anos, não, eu tinha mais, era 9 anos mais ou menos.

Eles protegiam aquilo que era um fanatismo de jagunços deles mesmos, né? Eu falo de si próprio, porque eu tive lá, eu fui jagunço.

A guerra começou aqui, nesse pedacinho de terra (apontando para o palco do massacre).

As forças do governo eram lá naquela cochilha lá em cima, lá nos pinheirinhos, naquela roça que está lá também. Lá que estavam acampados, né. O acampamento era lá.

Canhão tinha prá barbaridade, até a pouco tempo achei naquela cochilha daquelas roças lá, achei, ainda estava carpindo com a inchada achei um canhão velho, que tinha 240 pedegoto dentro.

Até que a força do governo veio aí e bateu neles aí quase terminou com tudo e não terminaram porque eles escaparam daqui, né.

A força do governo assim como os jagunços derrotaram duas vezes a força do governo aqui.

¹³ Vídeo. Edição: Sebastião Góes. Roteiro, Direção e Produção: Jeanne Barbosa. Câmara: Valdir Maurício e Joaquim Veríssimo.

Morreu mais ou menos 200 pessoas só aqui. Varremos pro mato... aí atrás, correndo abaixo de bala, tiro velho e canhão que saíram da cochilha.

Daí, quando saímos daqui, saímos correndo prá essa canhada afora.. fomos se escapar lá no Tozo, serraria velha que tinha lá". 15

O morador de Taquaruçu, Cláudio Bogo, comentava que: "As armas deles eram facões de madeira de três quinas e espadas de madeira também. Eram as únicas armas que tinham. Mais tarde quando estavam numa altura da guerra já tinham armamentos que tinham conseguido quando venceram a turma do exército". 16

A Historiadora Cerila de Menezes Pradi, fazendo uma descrição da guerra, comenta:

"A causa pela qual eles morreram era terra; queriam terra para cultivar e os latifundiários tinham tomado conta, eram donos de todas as terras. Com essa Guerra do Contestado, as terras entregues a Santa Catarina, o governo catarinense entregou a companhia colonizadora, quis dividir em colônias.

Eles não puderam plantar, mas todos os povos que vieram aqui, puderam plantar. O progresso floresceu, essa foi a feliz conclusão e a feliz conseqüência da Guerra do contestado". 17

Depoimento de João Maria Palhano, (popularmente conhecido como Lica). Filho de jagunço, embora pequeno na época, lembra da guerra.

"Aqui em Taquaruçu tinha um grande acampamento, vinha gente de todas as partes. As forças do exército queimavam tudo, casas, igrejas e armazéns. Foi tudo para o ar. Dentro da igreja tinha alguns parentes nossos.

¹⁴ Vídeo, Edição: Sebastião Góes, Roteiro, Direção e Produção: Jeanne Barbosa, Câmara: Valdir Maurício e Joaquim Veríssimo.

¹⁵ Vídeo. Edição: Sebastião Góes. Roteiro, Direção e Produção: Jeanne Barbosa. Câmara: Valdir Maurício e Joaquim Veríssimo.

¹⁶ Vídeo, Edição: Sebastião Góes, Roteiro, Direção e Produção: Jeanne Barbosa, Câmara: Valdir Maurício e Joaquim Veríssimo.

¹⁷ Vídeo. Edição: Sebastião Góes. Roteiro, Direção e Produção: Jeanne Barbosa. Câmara: Valdir Maurício e Joaquim Veríssimo.

Eles arderam no fogo. Também tive alguns tios que morreram no combate do Irani e do Taquaruçu.

Se meu pai não nos escondesse no mato, teríamos morrido, fuzilados pelos soldados. Até bucha de canhão encontramos lá no local do reduto. Os caboclos juntamente com meus parentes resistiram à facão". ¹⁸

Selmo Delfes, residente em Taquaruçu, tem sua casa construída no local onde ocorreu a Guerra do Contestado.

Teve vários contatos com os remanescentes. Relata que a igreja daquela época, tinha uma imagem do Senhor Bom Jesus, que foi destruída pelos canhões. Mas, em seguida foi reposta por uma outra imagem, que se encontra com a família do Senhor Carlos Prates.

A igreja era feita de madeira, tinha uma bela torre e a cobertura era de forma arredondada. Possuía um sino de grande valor, folhado a ouro. Ninguém sabe dizer o seu fim.

Com relação aos remanescentes Honorato Martins e Sinhana Palhano, os mesmos fizeram parte dos "Pares de França". Seu Honorato fazia o papel de guia, grande conhecedor do local. Ele descrevia os caminhos secundários para evitar possíveis ataques. Ele foi adepto do monge. Fazia o bem, abençoava, curava e prestava os primeiros socorros aos picados por cobras.

As terras que iam de Taquaruçu até o Rio Correntes, pertenciam às famílias Palhano e Vidal. Após a guerra, o governo comprou por preços ilusórios (cabeça de porco), eles por medo acabaram vendendo, aumentando sua crise. Nessas terras eram criados porcos soltos, chamados de "arçados". Para caçarem esses animais, reuniam-se vários amigos e que em seguida iriam saboreá-los.

Lembrando que o monge João Maria dizia: "Santa Catarina vai ganhar essa guerra, porque dentro de todos os estados do Brasil, é o que mais respeita os humildes".

"Nos versos do monge José Maria, aparecem as aspirações da população do Contestado: paz e especialmente, terra para plantar, fato que os coronéis da região não admitiam. Agora é a polícia... Contra o povo do mato... Nós só queremos paz e uma terrinha para plantar feijão e milho para poder manter nossa criação". 19

Selmo Delfes, que é músico e toca as danças folclóricas do Contestado, relata aos visitantes e pesquisadores que vão a Taquaruçu, que os remanescentes contavam sua história em forma de décima.

O Sr. Paulo Santos, radialista de Fraiburgo - SC, comentou que seu avô Henrique Santos, juntamente com seus amigos estavam unidos para festejar, comendo um porco assado em uma casa lá existente. De repente a casa foi invadida por soldados. Os amigos de seu avô ficaram. Seu avô fugiu por um buraco da casa. Horas depois, retornou ao local para ver se tinha sobrado comida. Tentou entrar pelo mesmo buraco que saiu, mas não conseguiu. Apenas encontrou seus amigos mortos.

¹⁸ Diário Catarinense, 30 de Abril de 2001. Adaptado.

¹⁹ PILETTI, Nelson e Claudino. História & vida. São Paulo: Ática, 2002.

Décimas do Contestado

Contadas: Dona Zeca Cordeiro

Adaptação: Maria Roseli Fernandes Leite e Sérgio de Lorenzi

Em 1912, iniciou-se uma grande guerra;

Entre Paraná e Santa Catarina pela posse da terra.

Por causa de uma estrada de ferro construída no Brasil;

Que ligou São Paulo ao Rio Grande do Sul que o problema surgiu.

Essa estrada passaria por terras do oeste catarinense;

Mas houve um desentendimento com o povo paranaense.

Para construir a estrada contrataram uma companhia;

A qual pagaram com as terras pertencentes ao povo de José Maria.

O governo deu as terras sobre as margens das estradas;

Que pelos sertanejos e pobres elas eram habitadas.

Orientados por um monge chamado José Maria;

Reuniram-se os sertanejos para essa guerra fria.

O monge e seus seguidores então foram atacados;

Para não serem confundidos foram chamados de pelados.

O conflito persistiu causando muitas mortes;

Pois ninguém se entregava, queriam ser mais fortes.

Contando com poucas armas, sem remédios e alimentos;

Os pelados foram traídos e acabaram-se os acampamentos.

Um a um foram destruindo, outros fuzilados;

Os sertanejos perderam a luta e as terras, ficaram necessitados.

As terras foram divididas entre Santa Catarina e Paraná;

Outra violência dessa em nossa região não se há.

Vou contar o acontecido;

Que neste chão redimido.

No século passado nossa História registrou;

Taquaruçu foi palco de uma cruel guerra onde muita gente tombou.

Nossos campos foram palco de uma cruel guerra;

Onde muita gente morreu por um pedaço de terra.

Faz muito tempo, muita gente já esqueceu;

Da luta patriciada que aqui aconteceu.

E para reavivar a memória;

Vou contar uma história.

Aqui num passado remoto neste vale coberto de pinheirais;

Que serviam de proteção aos homens e animais.

Um povo livre e pacífico vivia no meio desse sertão; Que há muito tempo foram devotos a São Sebastião.

O povo foi para a capital em busca de mais alegria; Perguntavam para os compadres pra que banda a passagem os levaria.

Mas tinham uma prosa complicada, queriam fazer uma tal de ferrovia; O povo em Taquaruçu se reunia.

O povo curioso pensou "Que bicho é esse?" E pensavam até no além; Daí vinham os coronéis e diziam que por essa estrada passaria um tal de trem.

O povo pensava "que coisa medonha!" Um bicho que vai e vem; Além disso solta fumaça pelas ventas e nas curvas berra como ninguém.

Da terrinha que ocupavam e moravam a um tempão; Foram injustiçados e expulsos do seu próprio chão.

Enquanto aquele arrogante dragão cuspia cinza e carvão; O seu selvo de guerra estremecia o sertão.

Vem a cavalo no tempo, na voz do vento a fraldar; Vem lá do Taquaruçu o Contestado recordar.

A batalha foi travada, montada em pêlo e crina; Os heróis da guerra santa vem de Taquaruçu de Cima.

Recordo Benedito Chato, Deodato e Maria Rosa; Terra de Chica Pelega e dessa gente corajosa. Com fibras de Catarina, bem no meio do entrevero; Havia uma heroína lutando pelo seu terreiro.

Chica pelega, de nome Francisca Roberta; Que batizava todos em Taquaruçu com uma cruz na testa.

Quando vim lá dos jagunços ainda vim meio riquinho; Da calça trouxe o cóis e da camisa o colarinho.

O pobre do jagunço passou uma vida "cruer"; Comiam fruta de imbuia e tomavam água de "mer".

Eu comi fruta de imbuia e miolo de cará; Só a coisa que não pude foi com carne de "alimá".

De São Miguel nós saímos, fomos lá para São José; Só que o que me dava lástima era das crianças e das muié.

Me chamaram numa festa lá para as bandas do sertão; Para dançar com a bicharada eu passei um apurão.

E veio chefe dos bichos, com aquele bruta carrão; Bigode esparramado e os olhos que era um tustão.

Atravessava na boca, quartos de leitão; Comiam carne sozinha, sem sequer um pedaço de pão.

Taquaruçu na História

Música e letra composta por Selmo Delfes e Edson de Lorenzi, moradores de Taquaruçu. Gravada por Walter Neves e interpretada por Beto Neves.

Há muito tempo / este fato aconteceu Em Taquaruçu de Cima / que muita gente morreu Mas deixaram sua História / que nos livros ninguém leu Dando uma lição de vida / que muito nos comoveu

/: O Noratão, Candinha e Anunciação, ao contar suas histórias batia forte o coração :/

Mil novecentos e quatorze / que o massacre aconteceu Entre os sons de canhões / o caboclo emudeceu Uma História escrita a sangue / descrita por Noratão Guia dos "Pares de França" / Homem forte no fação

O destino desse povo / na defesa deste chão Se erguia no messianismo / muita fé e oração Antes de fazer o combate / faziam a invocação Pediam ajuda aos santos / em nome de São Sebastião

A Guerra do Contestado / que muito nos entristece No contexto social / quase nunca aparece Nós buscamos a justiça / que até hoje não existiu O Taquaruçu de Cima / na História do Brasil

HOMENAGEM ESPECIAL

Vale lembrar que a comissão "Batalha de Taquaruçu" nas pessoas dos Vereadores: Orli Sestren (presidente), Dr. Mário Henrique Vicente (secretário) e Antônio Carlos (relator) souberam ver progressos, onde antes a sociedade só via erros. Parabenizo a todos os vereadores de Fraiburgo, pela lei que torna obrigatório o "Estandarte do Contestado", juntamente com a bandeira Municipal, Estadual e Federal nas solenidades municipais, porque o verde e amarelo que tanto exaltamos nada mais são que as margens que comprimem ainda hoje o rio de sangue e injustiças. O belo do verde e o brilho do amarelo são as vantagens que o Estado e os coronéis usufruíram com a Guerra do Contestado.

O Contestado foi, um dos feitos que envergonharam o sul do país, cujas consequências estão bem vivas em nossa terra e que jamais terá reparação condigna e justa aos que morreram e aos que sobreviveram, ou seja, à nossa gente.

Contestado, grito que continua ainda hoje nos filhos dos remanescentes em forma de fome, miséria, falta de moradia, trabalho e exclusão. Este grito não tem a mesma força porque o tempo calou nossas consciências e nossa sociedade.

Devemos pensar o que poderá ser celebrado neste palco de sofrimentos e de mortes que aconteceram em Taquaruçu. Justo seria que parte das terras o riquezas adquiridas com a Guerra do Contestado fossem restituídas em forma do ajuda àqueles que nunca mais conseguiram ser eles mesmos e muito monta ser felizes.

A celebração de uns foi obtida com a humilhação de outros. Para repor tudo isso, é necessário buscar a origem de sua produção histórica, não esquecendo as raízes dos remanescentes. Enfim, pode o homem tornar-se culto pela cultura dos outros, mas só se torna sábio pela própria cultura. O Contestado é a nossa cultura.

Não existe povo sem tradição, sem cultura e sem um passado histórico. Façamos valer a nossa História, tanto no contexto histórico como folclórico. A História nos ensina que não devemos ficar alheios a nossos direitos, mas exigílos.

EPÍLOGO

No interior do município de Fraiburgo, em Taquaruçu, iniciou-se um conflito que generalizou com o passar do tempo. De um lado, a população civil local e de outro, as forças militares.

Foi um grande fato histórico, que envolveu a população simples, contra a ordem estabelecida, o poder republicano.

O Contestado hoje, não é só formado pelas famílias dos remanescentes, mas sim, pelos imigrantes: italianos, alemães, japoneses, bem como os pioneiros das famílias: de Lorenzi, Felisbino, Bogo, Sestren, Vidal, Palhano, Prates, Faquim, Tartare, Oliveira, Mazuco, Weber, Delfes, Furlan, Tessaro, Moraes e outras, que chegaram para explorar e cultivar nossa região de Taquaruçu, no início do século passado.

A História do Contestado está acontecendo a cada um de nós, que sentimos na veia o pulsar do sangue derramado. Buscamos resgatar a memória do Contestado, em seu sentido mais amplo, porque ela é o solo em que pisamos.

Procuramos também instrumentalizar e promover nova leitura deste acontecimento histórico, partindo das revelações repassadas pelos remanescentes, que juntos convivemos e destacando muitos fatos que eram ignorados.

O início do conflito em Taquaruçu, deu-se no mês de dezembro de 1913. Sua duração foi de aproximadamente três anos. O apogeu deste acontecimento foi em Santa Maria, na Serra do Espigão, onde os civis, so para se alimentarem, abatiam 30 bois diários e havia mais de seis mil casas.

Os militares que se envolveram na guerra foram de dez mil e mais alguns voluntários da Pátria, fiéis ao exército.

Com relação aos civis, participaram, mais de vinte mil adeptos do monge, que formaram "O Exército Encantado de São Sebastião".

O gasto por parte da União foi alto, pois nunca divulgaram o valor exato. Além do mais, vida não tem preço.

A História tem mostrado que esta guerra foi desnecessária, pois nem os canhões, fuzis, metralhadoras, coronéis e as forças armadas conseguiram abafar o grito de esperança e de justiça do povo de Taquaruçu e região.

Essas pessoas apegaram-se às idéias de José Maria, que pregava a criação de uma sociedade onde prevaleceria, a "Lei de Deus" na comunidade de Taquaruçu.

Este conflito só terminou em 1916, com a detenção de Adeodato, que foi um dos últimos chefes dos adeptos de José Maria. Adeodato foi condenado à prisão. Fugiu várias vezes, mas foi reencontrado. Depois de alguns anos na prisão, tentou fugir novamente e foi morto.

Verificando este resgate da nossa História, percebemos que escrevemos algumas linhas nas páginas da História de Taquaruçu, com honestidade e acima de tudo, com cidadania.

Muitas foram as fontes consultadas, uma vez que o trabalho buscou nos periódicos (suplementos) do passado as informações da época, para análise profunda da realidade de cada remanescente que fez acontecer a sua e a nossa História.

BIBLIOGRAFIA

AMIN, Esperidião. A resposta à carta dos Catarinenses. Florianópolis: 1987.

AURAS, Marli. Guerra do Contestado: Organização da Irmandade Cabocla. Florianópolis: Editora UFSC, 1997.

DERENGOSKI, Paulo Ramos. O desmoronamento do Mundo Jagunço. Fundação Catarinense de Cultura, 1986.

FELISBINO, Pedro Aleixo. Felisbino, Eliane. Voz de Caboclo. A Saga do Contestado Revivida nas lembranças dos sobreviventes do reduto de Taquaruçu. Florianópolis: Imprensa Oficial do estado de Santa Catarina, 2002.

GOVERNO DO ESTADO. **Aspectos do Contestado.** Cadernos de Cultura Catarinense, julho – setembro, 1984.

HEINSFELD, Adelar. A questão de Palmas entre o Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no Baixo Vale do Rio do Peixe. Joaçaba: 1996.

HISTÓRIA DE SANTA CATARINA, disponível em: http://geocities.yahoo.com.br/joatan74/sc/contestado.html > acesso em 3/06/03.

JORNAL, do Brasil. **Os Sucessos de Taquaruçu.** Jornal de circulação no Rio de Janeiro na época do Contestado, s/d.

LEMOS, Zélia de Andrade. Curitibanos na História do Contestado. Florianópolis: Governo do Estado, 1977.

LORENZONI, Ionice. Americanos ficaram 31 anos em Santa Catarina e levaram as araucárias. Florianópolis: O Estado, 23 de dezembro, 1979.

OFÍCIO, Exmo. Sr. Ministro Oliveira Ribeiro, presidente da Suprama tribunal Federal do Rio de Janeiro, 20 de Janeiro, 1914 PILLETI, Nelson e Claudino. História & Vida. São Paulo: Ática, 2002.

PRADI, Cirila de Menezes. Chica Pelega do Taquaruçu. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2000.

QUEIROS, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social.** A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912 – 1916. 3.ed. São Paulo: Ática, 1981.

RIBEIRO, Hélcion. **Religiosidade popular na teologia latino-americana.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

SACHET, Sérgio e Celestino. **Histórias de Santa Catarina. O Contestado:** 2000 –2001. Florianópolis: Editora Século Catarinense.

SESTREN, Orli. VICENTE, Mário Henrique. Emenda à lei orgânica Municipal nº 020/2001.

SIMPÓSIO do Contestado. Palácio de Santa Catarina. Florianópolis: 25 de outubro de 2001.

TELLES, Vicente e outros. Calendário de Horta Doméstica. 1985. Irani.

THOMÉ, Nilson. **Trem de ferro. A ferrovia do Contestado.** Caçador: Impressora Universal, 1980.

. Civilizações Primitivas do Contestado. 1.ed. Caçador: Impressora Gráfica Universal, 1981.

ANEXOS



Belo local, conhecido como Salto, onde os moradores de Taquaruçu costumavam banhar-se e passar seus momentos de diversão. Taquaruçu/2003



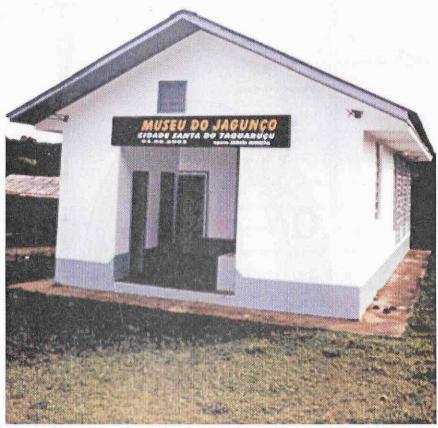
Arbustos de Taquaruçu, usados na época para cobertura de casas. Taquaruçu/2003



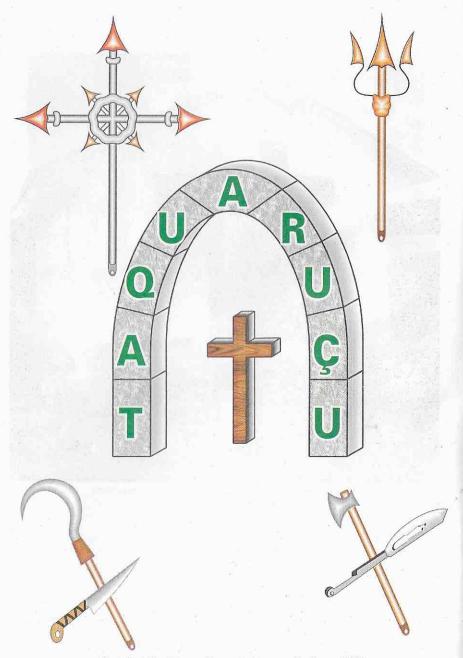
Marco histórico da Guerra do Contestado. Taquaruçu/2003



Fonte: Montelato Cabrini Catelli - História Temática



Futuras Instalações - Museu do Jagunço. Taquaruçu/2003 Gentileza Tyno Fotografias



Contribuição: Marcos Alexandre Lopes - Fraiburgo/2003

adotando o Contestado como uma denominação honorífica e de glória para o povo de Taquaruçu, de Fraiburgo, de Santa Catarina e do Brasil.

A memória cultural brasileira é muito restrita. Não há grande preocupação em preservar locais históricos nem em difundir, entre as gerações mais jovens, as causas e conseqüências dos acontecimentos que modificaram e modificam o país.

O Conflito do Contestado é um exemplo disso. Tendo nascido em Taquaruçu, região onde desenrolou-se grande parte do conflito, vejo com tristeza que poucos se interessam pelos fatos lá acontecidos, que as pessoas que dele participaram estão aos poucos desaparecendo, sem que nada se faça para preservar as importantes informações e relatos vivenciados por essas pessoas.

A escola onde estudei se situava num terreno minado de restos de armas, objetos pessoais como máquinas de costura, cartuchos, etc. Quando aluno, desenterrava estes materiais com curiosidade e sempre questionava o que havia ocorrido. Depois de muitos anos, no seminário, me surpreendi ao saber que o Conflito do Contestado ocorreu nas terras onde nasci e cresci.

Percebi então, que essas pessoas não têm conhecimento da sua História, vivem em terras sem escrituras e não sabem o motivo desta situação.

Atualmente, estudamos nas aulas de História sobre conflitos e guerras, distantes da nossa realidade e não investigamos profundamente sobre um fato ocorrido em nossa região. Nosso dia-a-dia é conseqüência desse conflito.